



“RÁDIO AURIVERDE” UMA DEBOCHADA AFRONTA

José Moretzsohn

“...pois é a partir da grandeza e da beleza da criatura que, por analogia, se conhece o seu autor” (Sab 13, 5)

Primeira parte de um artigo, cuja publicação em seu todo excederia os limites de espaço regular da revista. Ele propõe-se a resgatar a verdade histórica relativa a diversos aspectos da atuação da FEB na Itália, deturpados no documentário cinematográfico “Rádio Auriverde”, lançado comercialmente nos cinemas nacionais em julho de 1991.

Sempre que crises profundas abalam uma sociedade, criam-se condições para o retorno ao passado, ensejando comparações quase sempre contaminadas de passionalismo e impropriedades.

Nessas ocasiões, duas correntes frontalmente opostas se revelam: a dos saudosistas, que teimam em oferecer soluções do passado às questões do presente, e a dos iconoclastas, que preten-

dem analisar os fatos de ontem sob a lupa do hoje.

Ambos incorrem em erro de perspectiva histórica e pecam, também, por grosseiro anacronismo.

Movidos, via de regra, pela mais torpe inveja, os últimos mostram-se os mais perigosos. Desprovidos de luz própria e ambiciosos, valem-se de sua opacidade para sombrear quem brilhe. E, no afã de destruir ou obscurecer,

elegem, de preferência, vultos do passado, como alvos de sua rasoura.

Carentes de predicados bastantes para projetar-se às culminâncias, sonham a elas guindar-se, acotovelando os que, mercê de reconhecidos méritos, ali se tenham posicionado.

Nessa vã tentativa de abrir espaço para si mesmos, esquecem-se de que a galeria dos grandes nomes da História se vai constituindo, ao longo dos tempos, pelo alçamento dos que sobrenadagem, em relação a todos os que passaram, após a decantação processada nas sociedades humanas.

Quem não deva emergir à tona, de onde salte aos patamares da fama, há de jazer, *ad aeternum*, no lodo viscoso e pútrido dos cafofos.

O Brasil — não é novidade — vive tempos difíceis, propiciando campo fértil a muitos “releitores de História”. Desde que Affonso Celso passou a ser, entre nós, alvo de chacota, ao ufanismo que apregoava contrapôs-se o “envergonhismo” dos que, lamentando-se da própria nacionalidade, fazem-se pregoiros da inferioridade de nossa gente.

Assim, quando se falou no envio de tropa brasileira para lutar ao lado das forças aliadas, na 2.^a Guerra Mundial, houve incontáveis manifestações em contrário, fundadas na suposta incapacidade do homem brasileiro para empresa de tal envergadura.

A marca de todas elas sempre foi o deboche: “É mais fácil uma cobra umar do que a FEB embarcar.” “A FEB não partirá, porque seu comandante é de Moraes, o comandante da infantaria é da Costa, e o da Artilharia é Cordeiro, que não é de briga.”¹

“Nossa tropa vai transformar-se em bucha para canhão dos americanos.”

“Imagine-se nosso João sífilítico e desdentado a enfrentar o boche Fritz, explodindo saúde pelas bochechas...”

Não é, pois, de estranhar que o cineasta Sylvio Back produza documentário cinematográfico sobre a Força Expedicionária Brasileira, em que procura desmoralizar a atuação de nossos pracinhas na campanha da Itália, de forma grosseira, intemperada e ofensiva.

São dele estas palavras: “Mas este momento de baixa estima do Brasil é o ideal para a lavagem de roupa suja.”²

O filme, que leva o nome de “Rádio Auriverde”, em alusão à “Hora Auriverde” utilizada pelos alemães, para transmitir mensagens típicas de guerra psicológica à tropa brasileira, foi exibido em Brasília, no dia 6 de julho de 1991, dentro do 24.^o Festival do Cinema Brasileiro.

Procurei memorizar o maior número possível de passagens e cenas do documentário. Eram, porém, tão numerosos os pontos a comentar, que saí frustrado do cinema.

Tive sorte, contudo. O cineasta veio, providencialmente, cobrir as lacunas de minha memória, publicando dois artigos, em jornais de Brasília, nos quais reafirma os termos empregados no filme.³

Selecionei os aspectos que me soaram mais contundentes e ponho-me a rebatê-los. Não sem antes colocar em dúvida a exatidão das pesquisas que ele afirma ter empreendido. Em um desses artigos, lê-se: “Nada do que

mostrei em meu filme é mentira. Rastreei 300 livros, pesquisei nas casas da FEB e escolhi 27 livros que considerarei bons, com informações verdadeiras...”

Vejam os.

• Os navios mercantes brasileiros teriam sido afundados pelos americanos, para forçar a entrada do Brasil na guerra.

A certa altura do filme, é dito que, se o Brasil não aceitasse determinada exigência, “os americanos afundariam toda nossa marinha mercante”.

Mesmo perfunctória, qualquer pesquisa que merecesse este nome teria levado a documentos divulgados após a guerra, e dados a lume até mesmo pela imprensa diária,⁴ em que se comprova a ação dos submarinos alemães e italianos contra nossa navegação. No entanto, o cineasta ainda bate nessa tecla, de há muito silenciada pela evidência e fidedignidade dos documentos.

Há relatórios dos comandantes dos submarinos em que, friamente, está registrado cada um dos torpedeamentos. Eis a transcrição de um deles, um apenas, como exemplo:

“... MBZ 24 de agosto de 1942 — 01.50 horas... a respeito do ponto B: todos viajavam isoladamente... Nenhuma reação. Não foram constatados armamentos... Todos os ataques fora das águas territoriais...”

a) 6.000 BRT — Navio misto⁵ — 16/08 — 00.12 horas. Em 11,41 Sul, 37,02 Oeste. Profundidade 38 metros... Iluminado. Com torpedo.

b) 5.000 BRT — Navio misto.

16/08 — 02.03 horas. Em 11,41 Sul, 37,22.5 Oeste. Profundidade 1.500 metros. 27 graus. 14 milhas náuticas. Iluminado. Com torpedo.

c) 3.500 BRT. Cargueiro. 16/08 — 09.13 horas. Em 11,53 Sul, 37,22.5 Oeste. Profundidade 39 metros. 35 graus. 6,5 milhas náuticas. Somente lanternas de navegação. Com torpedo.

d) 2.200 BRT. Cargueiro “Itapaba” ou semelhante. 17/08. 15.49 horas. Em 13,24 Sul, 38,26 Oeste. Profundidade 1.100 metros. 10 graus. 8 milhas náuticas. Com torpedo (a)

e) 800 BRT. Cargueiro a motor, que recolhia naufragos. Não molestado.

f) 3.000 BRT. Cargueiro que passou posteriormente pelo local do afundamento e parou. 17/08. 18.03 horas. Com torpedo.

g) 4.900 BRT. Navio misto. 17/08. 22.37 horas. Em 13,31 Sul, 38,36 Oeste. 10 graus. 8 milhas náuticas. Sem detonação, após 35 segundos. Impacto ouvido.

h) 150 BRT. Cargueiro a vela, “Jacira”. 19/08. Com lanterna de navegação. Em 14,05 Sul, 38,50 Oeste. Profundidade 900 metros. Com carga de detonação.

i) 6.000 BRT. Cargueiro. 23/08. 09.50 horas. Em 13,4 Sul, 38,25 Oeste. Profundidade 72 metros. 235 graus. 14 milhas náuticas. Sem iluminação. Parado com artilharia. Torpedo.⁶

...Contato mantido somente com tripulação do veleiro. Capitão mestiço. Apenas comunicação por sinais.

...18/08. 18.23 horas. Em 14 graus Sul, 18,5 Oeste. No momento de re-

paração de bloqueio no revestimento da escotilha da boca do torpedo, surpreendido por “Consolidatel” com insignia dos Estados Unidos. Quatro bombas falharam devido tiros da artilharia de bordo. Câmara de sub-

mersão 6, estibordo, avariada. Inundada...”

Para que se esclareça em definitivo esta questão, segue-se a relação completa dos navios brasileiros torpedeados durante a 2ª Guerra.⁷

Navio	Data - hora de Berlim	Localização	Submarino	Comandante do submarino
1942				
Buarque	15/02 - 04.43	36.35N - 75.200	U-432	Schultze
Olinda	18/02 - 81.07	37.30N - 75 0	U-432	Schultze
Cabedelo	25/02 -	16 N - 47 0	Da Vinci	Longanesi/Catani
Arabutan	07/03 - 21.10	35.15N - 73.550	U-155	Piening
Cairu	09/03 - 02.25	39.10N - 72.020	U-94	Ites
Parnaíba	01/05 - 20.46	10.12N - 57.160	U-162	Wattenberg
Comte. Lira	18/05 - 22.30	2.59N - 34.100	Barbarigo	Grossi
Gonçalves Dias	24/05 -	16.09N - 70.000	U-502	Rosenstiel
Alegrete	01/06 - 23.51	13.40N - 61.300	U-156	Hartenstein
Paracuri	05/06 -	17.30N - 68.340	U-159	Witte
Não identif.	05/06 -		U-159	Witte
Pedrinhas	28/06 - 23.17	23.7N - 62.060	U-203	Muetzelburg
Tamandaré	26/07 - 08.15	11.34N - 60.300	U-66	Markworth
Piane	28/07 - 20.30	12.30S - 54.490	U-155	Piening
Barbacena	28/07 - 00.40	13.10N - 56 0	U-66	Markworth
Baependi	16/08 - 00.12	11.50S - 37 0	U-507	Schacht
Araraquara	16/08 - 02.03	12.00S - 37.190	U-507	Schacht
Anib. Benévolo	16/08 - 09.13	11.41S - 37.210	U-507	Schacht
Itagiba	17/08 - 15.49	13.20S - 38.400	U-507	Schacht
Arará	17/08 - 18.03	13.20S - 38.490	U-507	Schacht
Não identif.	17/08 - 22.37	13.31S - 38.360	U-507	Schacht
Jacira	19/08 -	14.30S - 38.400	U-507	Schacht
Osório	28/09 - 01.10	00.13N - 47.470	U-514	Auffermann
Lajes	28/09 - 02.15	00.13N - 47.470	U-514	Auffermann
Antonico	28/09 -	06.17N - 52.350	U-516	Wiebe
P. Alegre	03/11 - 16.42	35.27S - 28.020	U-504	Poske
Apoloide	22/11 - 22.17	13.11N - 54.390	U-163	Englemann

Navio	Data - hora de Berlim	Localização	Submarino	Comandante do submarino
1943				
Brasiloide	18/02 -	12.38S - 37.57O	U-518	Wissmann
Afonso Pena	02/03 - 23.01	16.14S - 36.03O	Barbarigo	Rigoli
Tutóia	01/07 -	24.40S - 47.05O	U-513	Guggenberger
Pelotasloide	04/07 -	00.24S - 47.36O	U-590	Krueer
Bagé	01/08 -	11.29S - 36.58O	U-185	Matus
Itapagé	26/09 -	10.20S - 35.45O	U-161	Achilles
C. Branco	26/09 -	Costa brasil.	U-161	Achilles
Campos	23/10 -	24.07S - 43.50O	U-170	Pfeffer
1944				
Vital Oliveira	20/07 - 04.54	22.29S - 45.09O	U-861	Oesten

• O soldado brasileiro era subnutrido e desdentado.

A seleção médica para a organização da FEB deixou, realmente, a desejar. A força poderia, dado o seu pequeno efetivo, compor-se de homens em melhores condições físicas e sanitárias.

Mas não é de exagerar. O cineasta se contradiz ao afirmar que, no seu desembarque em Nápoles, os pracinhas foram confundidos, pela população italiana, com prisioneiros alemães. Pode-se concluir, pois, que eles não eram tão esqueléticos quanto assevera o cineasta. Ou os alemães, àquela altura, após as malfadadas aventuras no norte da África, haviam-se tisonado a tal ponto, ao sol do deserto, que se pareciam com os pobres mestiços brasileiros, carentes, subalimentados e fisicamente depauperados...

• A FEB teria recebido uniformes americanos, com furos de bala e armamento da 1ª Guerra Mundial.

A folhas tantas, o documentário salienta que a força brasileira fora alvejada (sofrendo muitas baixas), por homens da 10ª Divisão de Montanha, americana, que a confundiu com tropa alemã, devido à cor de seus uniformes, verde-oliva.

O fato ocorreu, deveras, no ataque conjugado das duas divisões a Belvedere-Castello. Mas registrou-se apenas uma baixa. E isto agora não importa, pois, afinal, recebemos uniformes americanos ou lutamos com os nossos próprios, verde-oliva?

O armamento individual que equipava a maior parte das divisões americanas, em 1944, era o fuzil *Springfield*, usado desde a 1ª Guerra. O *Garand*, semi-automático, não era

produzido ainda em quantidades suficientes. Aliás, é bom recordar que os alemães utilizavam o fuzil *Mauser*, o mesmo da 1ª Guerra, com as modificações que o tornaram semi-automático.

Nos entreveros em campanha, até com certa freqüência, homens são alvejados por seus próprios camaradas. Os relatos da guerra passada estão cheios de exemplos. Mas, jejuno em tais assuntos, o cineasta encontrou no fato motivos para destilar deboche. E, no afã de zombar, nem se dá conta de que o erro foi dos americanos. Ele o debita na conta da FEB.

O general Patton, um dos mais famosos comandantes na 2ª Guerra, mandava assinalar, no chão, com letras garrafais “QG do III Ex USA”, sob a alegação de que, assim, evitaria a repetição de ataques pela aviação aliada. E, quando lhe diziam que atrairia a aviação alemã, respondia: “Aos ataques desta posso contrapor-me sem medo de matar irmãos. Ademais, a aviação alemã está tão desmantelada, que já não constitui grande ameaça.”

• **Teria sido grande o número de desertores, na tropa brasileira.**

No artigo publicado pelo *Correio Braziliense*, o cineasta tenta abrandar alguns trechos de seu documentário.

Sobre a questão dos desertores, escreve:

“Da mesma forma que as transmissões não chegavam a provocar maiores estragos ideológicos junto à tropa (dos 34 desertores brasileiros, não calculo quantos foram vítimas da ‘Rádio Auriverde’) — mas despertavam reflexões e reações de ordem mo-

ral e afetiva, o documentário Rádio Auriverde apropria-se do mote, na vã ilusão de, pelo tragicômico, pela iconoclastia e pelo deboche, conseguir desmobilizar as monolíticas imagens e narrações que majoritariamente sobreviveram aos acontecimentos.”

A deserção configura-se quando o militar se ausenta, sem autorização e por tempo superior ao prazo de graça (oito dias), de sua unidade, ou quando, estando legalmente ausente, deixa de apresentar-se depois de cessado o motivo do afastamento.

Nessas condições, houve apenas duas deserções em toda a FEB; as 32 restantes se referiram a homens que retornaram com atraso, após dispensas — as “tochas” — que lhes tinham sido concedidas.

Por conseguinte, pelo menos no estimular deserções, a “Hora Auriverde” não teve muito êxito...

• **As notícias sobre a FEB eram severamente censuradas, de maneira que o povo somente tomou conhecimento das aprovadas.**

No já mencionado artigo de 14 de julho, o cineasta reforça os dizeres do filme com o seguinte: “...a filmografia da FEB traz impressa a mácula da ablação censória. O próprio comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes promovia a censura das reportagens dos correspondentes brasileiros — todos, sem exceção, com o tempo, acabaram patrocinando uma auto-censura que, estranhamente, varrou os anos subsequentes ao conflito, incólume (desconhece-se um texto contestatório sequer dos jornalistas que

testemunharam o vexame da FEB no front italiano)."'

Quanto de estranhável, isto sim, nessas palavras!

Teria o general Mascarenhas tempo para censurar, pessoalmente, as notícias sobre sua tropa? Teria como evitar que, sem o seu conhecimento, outras informações chegassem ao front interno? Também os correspondentes estrangeiros (e os havia, como se verá) submeteram-se, sem reações?

Por que, quase cinqüenta anos após a guerra, eles continuam a elogiar o desempenho dos pracinhas?

Por que não se conhece um só "texto contestatório" de sua lavra? Aqueles que testemunharam o "vexame da FEB" emudeceram de vergonha?

Não. Mudos eles não se tornaram. Será, então, que houve vexame a narrar?

Que compromisso terão firmado todos eles? Que mordaca lhes foi aplicada, tão pegajosa e aderente, que dela, até hoje, não conseguiram livrar-se?

Por isso, entre pôr em dúvida a seriedade de um Rubem Braga ou de um Joel Silveira e crer no cineasta, fico com aqueles. Entre o testemunho ocorrer de quem não assistiu a nenhum vexame e o preconceituoso deboche de quem imagina "desmistificar", não há a evitar.

É pena que Rubem Braga já não viva para contestar as baboseiras do "Rádio Auriverde".

Joel Silveira, contudo, a respeito do documentário, depois de revelar sua repulsa às zombarias do cineasta, reata que escutou, algumas vezes, as

transmissões da estação alemã, "uma porcaria, um humor alemão tão pouco sutil, que não surtia outro efeito a não ser gerar muitas gargalhadas".⁸ Ele chega a dizer que o cineasta não soube interpretar certas imagens um tanto "exóticas", recolhidas no "National Archives": "a crítica ao temperamento dos brasileiros vinha mais por causa do jeito latino dos soldados, que mesmo lutando bravamente e com eficácia, encontravam formas de fazer alguma farrá, sempre que podiam".⁹

E prossegue: "Não sou militarista. Pelo contrário, acho qualquer guerra uma estupidez, mas não consigo compreender porque se ataca desta maneira uma página de dignidade e valentia da História do Brasil. Creio que a campanha da FEB foi o maior momento do Exército Brasileiro em todos os tempos e o que aconteceu depois não apaga isso."¹⁰

Ainda do mesmo correspondente recolho, em "A FEB foi, viu e venceu": "Fizemos ali mesmo uma espécie de balanço, de inventário do que a FEB fizera ou deixara de fazer naqueles últimos meses e chegamos todos a uma só conclusão: a de que nossos pracinhas haviam aprendido a guerrear na própria frente de operações; que haviam aprendido de pressa, muitas vezes com a ajuda do indiscutível senso de improvisação e criatividade tão comum aos brasileiros; que haviam se portado com bravura, competência e obstinação; e que, finalmente, soldados e oficiais, comandados e comandantes, tinham cumprido, integralmente, todas as missões que lhes haviam sido confiadas... Sim,

os pracinhas brasileiros, naquele 8 de maio de 1945, podiam sentir-se orgulhosos. Haviã passado por toda espécie de sofrimentos; haviã enfrentado dois inimigos igualmente impiedosos, os alemães e o frio, e haviã derrotado os dois. Camaioire, Barga, Monte Castello, Castelnuovo, Montese, Zocca, Collecchio e Fornovo já eram indicações seguras, indiscutíveis, de que os pracinhas brasileiros tinham levado a melhor, para desespero e tristeza dos derrotistas e simpatizantes do nazi-fascismo, muitos deles enquistados na cúpula dirigente da ditadura estacionovista, que desde a partida do 1.º escalão da FEB, ou até mesmo antes, quando a Força Expedicionária Brasileira ainda estava sendo agrupada, profetizavam para os nossos soldados derrota e humilhação."

De que se tratava, para as forças aliadas na Itália, senão de empurrar a Wehrmacht ao longo da península, na direção geral aproximada de sul para o norte?

Tomase uma boa carta da Itália. É fácil conferir se Camaioire, Monte Prano, Fornacci, Gallicano, Barga, Monte San Quirico, Monte Castello, Castelnuovo, Montese, Zocca, Formigene, Collecchio e Fornovo estão localizadas em pontos que indiquem recuos ou contra-marchas; se não balizam um contínuo movimento para a frente.

A FEB só marchou para trás, no caso, para o sul, quando pressentiu a oportunidade de cercar toda uma divisão inimiga.

E aí sua vitória foi maiúscula!

Não é usual uma divisão impor ren-

dição a efetivo equivalente. Na guerra, a vitória sorri a quem tenha maior poder de combate.¹¹

No entrevero 1ª DIE x 148ª DI, não havia superioridade de meios, em uma das partes...

A vitória em Collecchio-Fornovo foi maiúscula!

Queiram ou não aceitá-lo os que creram nos vaticínios de Cassandra ou dos prosélitos de Momo.

Rubem Braga, outro cronista da FEB, no extenso artigo que publicou, em 1970, na revista *Realidade*, refaz, 25 anos depois, os caminhos da FEB. E narra: "...entramos a bordo do navio-transporte no mesmo dia em que o capitão Ayrosa entrou em Camaioire, a 18 de setembro de 1944; até então o governo entendera que só convinha permitir as viagens dos rapazes do DIP, nada de correspondentes de jornais; as ditaduras desconfiam da imprensa, e têm lá suas razões."

E o cronista continua: "Visitamos o antigo quartel-general recuado na Piazza San Lorenzo, onde tantas vezes dormimos — os correspondentes Raul Brandão, do Correio da Manhã, Egdio Squeff, de O Globo, Joel Silveira, dos Associados, Tassílio Mitke, da Agência Nacional, Harry Bagley e Frank Norall, da Coordenação de Assuntos Interamericanos, e eu, do Diário Carioca."

"...O ataque seguinte foi no dia 25, quando vim aqui a Bombiana, ao PC do Batalhão, com dois correspondentes americanos e o inglês Happy Buckley, que pela primeira vez visitava nosso front. Esse repórter da Reuter fizera toda a Guerra da Espanha, so-

bre a qual escreveu um grosso livro cuja edição inteirinha desapareceu em um incêndio durante o bombardeio de Londres, antes de ser distribuída. Depois fora mandado para a guerra do deserto, onde ficou gravemente ferido pela explosão de uma granada. Passara muitos, muitos meses em um hospital e era a primeira vez que voltava ao front. A primeira e a última. Quando as granadas começaram a explodir perto de nosso jipe, Buckley ficou pálido e trêmulo: enjoara da guerra, não aguentava mais, acabou indo fazer reportagem política em Roma. O estrondo das granadas lhe estraçalhava a alma, como já lhe havia estraçalhado o corpo: ele todo se contraía. Quando um guerrilheiro italiano nos gritou "buona sera!", saudando a tarde, ele ainda teve espírito para dizer: "Sera non buona!".

Mais adiante, referindo-se a um dos ataques a Monte Castello, Rubem Braga relata: "Três dias depois, à tarde, os correspondentes de guerra foram chamados ao quartel-general avançado em Porretta. Foi uma reunião a portas fechadas, com certa solenidade. O major Souza Junior, depois de dizer que confiava em nossa absoluta discrição, introduziu-nos na sala do estado-maior. Não me lembro... quem nos falou no ataque que seria desencadeado na manhã seguinte...".

"...levantei-me cedo e fui para um posto de observação próximo... Nossa artilharia começou a bater as posições inimigas... Pelas 8 da manhã, os infantantes começaram a avançar... E iam chegando os informes: pelotão da 7ª

chegara à cota 760, a 8ª Cia arremetia para 887... Depois, um tal pelotão estava detido por uma barragem de morteiros, o inimigo atirava de metralhadoras da cota tal; os carros de combate americanos empacados; o capitão Mandin ferido na cabeça..."

"Por volta de meio-dia, a cara feia da derrota era bem nítida: voltei as costas àquele maldito Castello pontado de fumaça de obuses, misterioso e inacessível, e peguei uma carona numa viatura qualquer para a retaguarda. No dia seguinte me disseram que tivemos 185 baixas. Escrevi uma longa, minuciosa reportagem sobre esse ataque, minuto por minuto. A censura cortou-a."

Com tais transcrições, fica evidente que, na FEB, como de resto em toda e qualquer força envolvida em operações militares, certas informações são censuradas; porque os jornalistas não imaginam que ao dever de informar sobrepuja o direito de manter sigilo, de não dar ao adversário, de bandeja, os pontos fracos que tenhamos revelado.

Na 2ª Guerra, todos os exércitos empenhados no conflito fizeram censura. Ficou até famosa uma fotografia que mostrava três soldados americanos mortos, numa praia de Burma, no Pacífico. Ela mereceu um editorial da *Life*, que se iniciava com estas palavras: "Where these boys fell, a part of freedom fell: we must resurrect it in their name".

Além da circunstância de ter sido a primeira divulgada nos Estados Unidos, em que apareciam americanos mortos, a foto não revelava o rosto de

nenhum deles, exibindo os corpos meio cobertos pelas areias e lambidos pelas onças.

O editorial tem a data de 20 de setembro de 1943, quase dois anos, portanto, após a entrada do país na guerra. Quase dois anos para se permitir que o moral da população fosse afetado por uma simples (porque em uma guerra deve ser normal que homens morram...), ainda que sugestiva fotografia. Foi profundo o impacto na opinião pública.

Muito natural, portanto, que na FEB houvesse alguma censura. Querer atribuí-la ao seu próprio comandante, dar-lhe contornos de extrema severidade ou ainda insinuar que os censurados de ontem se mantenham calados (ou pior, continuem mentindo), só na visão premeditadamente demolidora de um cineasta em busca de renome.

• “...paternalismo dos norte-americanos que, era público, transportavam, vestiam, alimentavam, albergavam, instruíam, armavam, hospitalizavam, pagavam e comandavam a FEB”.¹³

Fica tão difícil rebater as afirmações do cineasta, como ficaria para um cirurgião explicar a simplório lavrador como se processa uma traqueotomia... Ele pode entender de cinema, mas em assuntos castrenses é notório seu despreparo.

Tirante as contradições e inverdades que o trecho acima encerra bastaria que o autor, se iniciado, escrevesse simplesmente “comandavam”, porque quem comanda, veste, alimenta, arma,

hospitaliza, instrui etc. Faz tudo isto e muito mais. Ou não comanda.

Em outra passagem, ele afirma: “...locutores e textos iam fulminantes à alma do soldado brasileiro, na prática curtido por uma inevitável subalteridade logística, estratégica e mesmo moral”.

Excluído o aspecto do moral, é evidente e indiscutível que a Divisão Brasileira teria de submeter-se ao apoio logístico americano.

O corpo-de-exército¹⁴ nunca foi elo em cadeias de apoio administrativo. É um comando essencialmente operacional, isto é, voltado exclusivamente para o combate. O escalão superior, no caso o Exército, se o quer atuante e vencedor, que trate de apoiá-lo, não deixando que lhe falte coisa alguma. Assim, as divisões do IV.º Corpo de Exército eram diretamente apoiadas pelo V.º Exército.

O general Mark Clark, que comandou esse exército na 1.ª fase da campanha, conta que, certa vez, contrariando terminantes ordens do general George Marshall, que iria visitar sua tropa, preparou-lhe uma grande guarda de honra, composta com elementos que estavam sob seu comando. Postou, para a homenagem, brancos americanos, os negros da 92.ª DI, ingleses, brasileiros, escoceses, indianos, canadenses, galeses, irlandeses, poloneses, neozelandeses, italianos e sul-africanos. Todos, com exceção dos primeiros (por questão de racismo, suponho) e dos brasileiros (por uma atávica submissão, na visão elucidativa do cineasta), devem ter participado do ato a mastigar revolta em face da “subalter-

nidade logística, estratégica e moral" a que vinham sendo submetidos.

O objetivo de Mark Clark era, porém, permitir ao visitante avaliar a amplitude dos problemas de suprimentos, de diversificação de línguas, de diferença de religiões, enfim, "*problema global, complexo e confuso de tornar possível a uma dúzia de nacionalidades viver e combater como uma só equipe*".¹⁵

Os indianos só comiam carne de cabra, os escoceses queriam seu chá, os irlandeses, trevos, no dia de São Patrício...

Inglêses, poloneses, indianos, gauleses ali estavam, sem que a "subalternidade logística" arranhasse sua dignidade.

É de estarrecer que alguém imagine cada divisão com seu próprio sistema de apoio, recebendo armamento, munição, material de toda a espécie, alimentos e suprimentos de outras classes, nos padrões adotados em seus países. Que caos não se instalaria!...

Como estou convencido de que o cineasta não cogitou de tais pormenores, pequenos demais, talvez, diante da sua clarividência, modestamente tento enriquecer a pesquisa que ele realizou, lembrando que a divisão brasileira consumiu, em média, 426 toneladas diárias de suprimentos de todas as classes, o que exigia um comboio de 107 viaturas de 2,5 toneladas, a cada dia.

Do alto de sua clarividência, ele carimba a FEB com a pecha de "subalternidade estratégica", como se divisão fosse escalão capaz de conduzir ações estratégicas!

Há outras impropriedades ainda, nos textos transcritos. Por exemplo: se os americanos vestiam os pracinhas, como chegaram a atirar sobre eles, confundindo-os com os alemães, devido à cor de seus uniformes?

Há inverdades também, porque os americanos não pagavam a tropa brasileira. O Serviço de Fundos da Divisão compreendia uma Pagadoria Fixa, em Livorno, que recebia da agência do Banco do Brasil, em Nápoles, os créditos destinados às diferentes unidades. O pagamento era feito em liras de ocupação, ao câmbio de 5 por 1 cruzeiro ou 100 por dólar.

Os vencimentos eram pagos da seguinte maneira: uma cota fixa, em liras, correspondente a um vencimento, na Itália; uma consignação às famílias, equivalente a outro vencimento, em cruzeiros, no Brasil; parte do 3º vencimento destinada às consignações dos militares, constituindo o saldo restante um fundo de previdência, depositado na Caixa Econômica Federal, em nome dos interessados.¹⁶

As tabelas que definiam os vencimentos por postos e graduações figuram em vários livros sobre a participação da FEB na campanha italiana.

Os brasileiros eram dos mais bem pagos, entre os aliados. Mas, não pelo Tesouro Americano.

• **A tropa brasileira era indisciplinada.**

Em 1952/53, fui, por algum tempo, ajudante-secretário de um dos regimentos que integraram a FEB (o 11º RI) e tive ocasião de manusear boletins cor-

respondentes aos meses de campanha. Não me recordo de ter lido punições disciplinares em grande número. Nenhuma indicação encontrei de baixo nível disciplinar da tropa.

O Serviço de Justiça Militar da Divisão realizou 278 julgamentos, com 137 condenações e 141 absolvições. Para um efetivo total de 25.000 homens no teatro-de-operações (1ª DIE e depósito de Pessoal), esse dado representa 0,54%, ou seja, uma percentagem tão insignificante, que nem precisa ser considerada. O estado disciplinar da tropa sempre foi muito bom.

Rubem Braga termina o seu já citado artigo com o seguinte: *“Não mandamos à Itália 25.334 anjos em 1944. A nossa tropa, como toda tropa de ocupação em país estrangeiro, e mesmo em seu próprio país, praticou abusos e crimes. Mas eles foram raros, e foram punidos sempre que descobertos, e não é a eles que está associado na memória e no sentimento do povo italiano da Toscana e da Emília, o nome de “brasiliano”.*

E prossegue: *“A FEB era bem um resumo do povo do Brasil, não só porque tinha soldados de todos os seus Estados e de todas as classes sociais e níveis de cultura, como porque levava todos os seus defeitos e improvisações, todas as suas incoerências e mitos, todas as falhas e virtudes desse povo. Pois estou convencido de que, dentro da modéstia de nossas forças, o pracinha brasileiro deu o seu recado, cumpriu sua missão. E a sua melhor vitória me parece a ressonância de afetos e de saudades que ainda guarda,*

entre as paredes de pedras dessas casas isoladas da montanha, no coração da gente simples e boa da Itália, está palavra: “brasiliano”.

Quando o 1º Escalão da divisão brasileira transpôs o estreito de Gibraltar, o comandante Paul S. Maguire, do navio-transporte “General Mann”, que o conduzia, dirigiu aos soldados uma bonita saudação em que, entre outras coisas, disse: *“Nosso navio já transportou milhares de tropas e ainda muitas mais terá que transportar, mas nenhuma delas deixará, por certo, melhor impressão que a vossa.”*

Se o comandante Maguire não podia deixar de saudar seus passageiros, por ser simplesmente grosseiro se se omitisse, ou até por se tratar de uma tradição naval, fica justificada sua mensagem. Mas, se tudo não passou de um mero e formal cumprimento, poderia ter sido menos enfático em seus elogios.

Aliás, na travessia do estreito de Gibraltar aconteceu algo que julgo conveniente relatar.

15 de julho de 1944, 13 horas. Nos salões do navio, ouve-se o noticiário radiofônico da BBC de Londres. De repente, o locutor inadvertidamente, informa: *“Aproxima-se de Nápoles, navegando em pleno Mediterrâneo, o comboio conduzindo o primeiro contingente de tropas brasileiras para participar da luta do TO Europeu.”*

À perplexidade seguiu-se uma sensação de natural inconformismo: como uma estação aliada, com o porte da BBC, após cinco anos de vivência em guerra, quebrava, de forma tão ingê-

nua, o sigilo que cercava o deslocamento de nossa força?

Se a notícia alarmou os nossos oficiais, nossos “incompetentes” oficiais, muito mais alarmaria o comandante do navio. Se fora ouvida a bordo, os alemães, com toda a certeza, a haviam captado, prelibando, naturalmente, a espetacular vitória política que resultaria do afundamento do transporte. E trataram de aproveitar a “deixa” inglesa.

Logo a seguir o “General Mann” recebeu a seguinte mensagem do comando-geral do teatro-de-operações do Mediterrâneo (MTOUSA):

“Um forte esquadrão de bombardeiros inimigos, oriundo do N da Itália, devidamente protegido, voa na direção do comboio, que poderá ser atingido dentro de uma hora, caso não seja interceptado. Todos os meios de interceptação, das bases do N da África, Sicília, Nápoles e Sardenha foram acionados e deverão dar cobertura suficiente ao comboio. Convém estar preparado para a luta antiaérea.”

Imediatamente, sabedores de que a FAB estava a alguns milhares de quilômetros dali, os responsáveis pelo comboio trataram de tomar outras providências.

Ao comando da tropa foi informado o seguinte:

“Dar conhecimento com a devida cautela, sem apreensão ou pessimismo, para evitar pânico.

“A tropa brasileira não tem qualquer compromisso de combate com a eventualidade de um ataque aéreo. Manter-se-á rigorosamente enquadrada, até que seja dado o All Clear!

“Todas as informações e instruções serão transmitidas pelo microfone geral.

“Todo o comboio, neste momento, entra em ‘Postos de Combate’. O ‘General Mann’ será completamente fechado, só permanecendo nos convéses as guarnições antiaéreas.

“Nenhum homem poderá circular no convés sem o capacete de aço.”

“Foi uma hora de angustiosa expectativa. As esquadrilhas de caça, amigas, sobrevoaram o comboio antecipando-se à agressão inimiga. A luta de interceptação não chegou até nós. Mas, sem dúvida, nossa reação fora bem sucedida. Pouco depois, o Comandante do MTOUSA comunicava que a esquadrilha inimiga de bombardeiros havia sido interceptada. Retrocedera... E o Almirante americano que comandava a Força-Tarefa determinou que se fizesse um ‘Fogo de Artifício’, disparando todas as armas em homenagem à Força Expedicionária Brasileira, que ‘recebera o seu batismo de alarme dentro de uma situação real, sem se perturbar.’”¹⁷

Os erros, nas guerras, são muito mais frequentes do que se imagina. Af está um exemplo. Como entender que os ingleses, já àquela altura, curtidos por cinco anos de guerra, ainda cometessem tamanha leviandade?

• **Incompetência da oficialidade e despreparo da tropa.**

O filme, em várias oportunidades, e o cineasta, em seus artigos, levantam a acusação de incompetência de nossos oficiais. Eis alguns trechos: “Não interessava levar ao mundo... um visual e uma desenvoltura da FEB, di-

gamos, nitidamente "paisana" — a contrafação da própria "roupa de baixo" espiritual do nosso contingente mal formado física e tecnicamente, dos soldados à falta de competência da oficialidade." "Basta o mito, pois, através de sua permanente reinstitucionalização, preserva-se o todo, portanto, a incompetente oficialidade e o despreparo da tropa que provocaram a morte de 467 soldados e a doença mental em três mil, bem como os fatores da conspiração política que levou o Brasil ao sacrifício." Em um outro ponto, o pracinha é comparado a um "simulacro de combatente".

Não seja eu parcial ao ponto de omitir dificuldades que nossa tropa viveu. Houve falhas, claro que houve. Falhas naturais, tratando-se de homens sem experiência de combate. Falhas esperadas, nem maiores nem mais graves do que as cometidas pelos veteranos americanos, ingleses ou alemães. Nenhuma falha da FEB foi comprometedoras.

Nosso país estava militarmente desparelhado, quando se viu envolvido no conflito. Seu exército era mal equipado e se orientava, ainda, pela doutrina francesa, a mesma que fora, poucos anos antes, fragorosamente batida pelas panzers germânicas.

E agora, sua tropa iria colocar-se ao lado de homens que vinham de árduas e prolongadas campanhas, para enfrentar o mais aguerrido e experimentado exército do mundo, à época.

O 1º Escalão chegou à Itália em 16 de julho, e só a 13 de setembro foi empenhado em combate. Teve, portanto, dois meses para adaptar-se,

ambientar-se e exercitar-se. Aliás, é necessário dizê-lo, seu emprego foi mesmo antecipado, depois que demonstrou estar apto, em um exercício presenciado pelo próprio general Mark Clark, que não regateou elogios ao que vira, terminando suas palavras assim: "Diante do que me foi dado ver, a mim e aos colaboradores da arbitragem, não há mais o que esperar para lançar a FEB em combate. É uma tropa adestrada, à qual só faltam as reações do inimigo."¹⁸

Mark Clark e seus oficiais vinham do norte da África e estavam na luta desde o desembarque na Sicília. Sabiam o que estavam fazendo.

Com a tropa daquele 1º Escalão constituiu-se o "Destacamento FEB", que se houve de forma tão brilhante, que o general Mark Clark, recebendo o general Eurico Gaspar Dutra, então Ministro da Guerra, em visita ao front, disse: "Sua tropa, general Dutra, quando veio do Brasil, foi para uma área de estacionamento onde iria aclimatar-se e receber armamento de guerra. Passou então à fase de treinamento especial, duro e terrível, para a luta. Um belo dia, resolvi empregá-la logo no front. Constitui, para isso, um destacamento especial, cujo comando foi confiado ao general Zenóbio da Costa. Andei acertado. Eis aqui o que sua tropa fez, nestes dez dias (e apontou no mapa a progressão do destacamento brasileiro, indicando as cidades por ele tomadas). Diante de tão promissora experiência, resolvi dar-lhe nova missão, reforçando o Destacamento Zenóbio com um regimento de artilharia inglês e um bata-

lhão de tanques americanos. Já cumpriu com êxito e, até mesmo com inesperada rapidez, essa missão. Isto firmou o conceito da tropa brasileira não só entre nós, mas também entre os alemães; soubemo-lo por inúmeros prisioneiros. É por isso, Sr. Ministro, que estamos ansiosos por mais tropas brasileiras. Mandem-nas e o mais breve possível."19

Se se pode falar de falha no planejamento de emprego da DIE, aí está uma das razões principais. O espírito ofensivo que o Destacamento FEB adquiriu durante seu treinamento e que revelou nas operações conduzidas no vale do rio Serchio, foi tão grato ao comando americano, à época às voltas com significativa redução de efetivos (boa parte da força fora aspirada para o desembarque no sul da França), que o restante da divisão brasileira, à medida que ia chegando, ia sendo prematuramente empenhado em combate. Prematura e temerariamente. Os 1º e 11º Regimentos de Infantaria não chegaram sequer a concluir sua preparação. Receberam armamento e equipamento às vésperas de entrar em linha...

Erro? Claro! Não há como negá-lo, mas que não seja atribuído ao comando brasileiro. Debitem-no ao americano.

Mark Clark, com a autoridade de comandante do XV Grupo de Exércitos, quando, em suas memórias, teve de referir-se separadamente a cada uma das grandes unidades que estiveram sob suas ordens, foi impiedoso com a 92ª Divisão de Infantaria Americana, que era constituída exclusivamente de

negros. Eis o que escreve: "A 92ª Divisão recebeu uma preparação e um treinamento completos para a ação, assim como todas as nossas divisões. Foi levada à frente, gradativamente, num setor relativamente tranqüilo e sob a competente direção do general-divisão Ned Almond. Não obstante essas vantagens, não passou na prova quando teve que atacá-lo, nem quando os alemães investiram no vale do Serchio. Os comandantes de regimento não puderam controlar suficientemente, na emergência, as suas tropas, principalmente pela ausência da disciplina rígida requerida na batalha e porque os oficiais subalternos, freqüentemente, esqueciam responsabilidades de rotina e careciam de condições essenciais para o comando."20

Mas, quando se referiu à FEB, assinalou: "Num de nossos ataques, a 10ª Divisão de Montanha e a 1ª Divisão Brasileira fizeram alguns rombos impressionantes nas defesas alemãs, nos meados de fevereiro. A 10ª, escalando miraculosamente os maciços rochosos, capturou Monte Belvedere... enquanto os brasileiros tomavam Monte Castello e as duas grandes unidades se lançaram para nordeste... Os brasileiros, bordejando a orla sul do vale do P6, deram uma arrancada de 130 milhas até Alessandria... Nesse meio tempo, a arremetida brasileira sobre Alessandria cortara a principal via de retirada dos alemães do litoral ligúrico... Em Fornovo, os brasileiros toparam com a 148ª Divisão Alemã, que lhes havia aplicado alguns golpes duros e capturaram seu general e 6.000 homens."21

E a questão do número de mortos?

Alguns esclarecimentos preliminares: a Marinha Mercante Brasileira teve 972 mortos, mais do que o dobro da FEB em 240 dias de combate. Junto às nossas costas, à vista de nossas praias, morreram mais brasileiros do que nas faldas dos Apeninos... Certamente eram incompetentes os comandantes dos navios afundados...

A Marinha de Guerra perdeu 476 homens, mais também do que a FEB.

Um dos navios de passageiros torpedeados em nossas águas territoriais, o *Baependi*, levou consigo, para as profundezas do mar, 124 militares do 1º Grupo de Artilharia de Dorso, unidade que estava sendo transferida para o nordeste, onde iria reforçar a defesa daquele saliente. Navegava a 15 milhas da costa, em 15 de agosto de 1942. O Brasil nem sequer estava em guerra (a declaração foi a 31 daquele mês) e perdia mais homens do que em todos os ataques a Monte Castello, conduzidos, segundo o cineasta, por oficiais incompetentes. No litoral brasileiro, um competente comandante de submarino alemão, causou mais baixas às nossas forças do que seus aguerridos compatriotas, durante mais de dois meses, defendendo Monte Castello!

A FEB amargou 466 mortos. Este número é elevado?

Considerando que a tropa esteve em operações durante 239 dias, o número diário de mortos foi inferior a dois (1,94). É válido, também, levar em conta que do total de dias em combate, 172 deles foram vividos em ações

ofensivas, sabidamente mais onerosas em vidas.

Julgo, porém, necessário esclarecer o cineasta a respeito desse ponto.

Os exércitos dispõem, já de algum tempo, de um conjunto de dados colhidos em diferentes campanhas, e de fórmulas empíricas resultantes de observações e experiências em combate, que permitem estimar, com apreciável precisão, as necessidades de combustível, de munição, de suprimentos de todas as classes, a velocidade de um ataque contra uma posição sumariamente organizada, fortemente organizada ou simplesmente organizada, o prazo para atingir cada um desses estágios de organização, enfim, os comandantes podem saber, antecipadamente, até mesmo o número de baixas que sua tropa sofrerá, em função do tipo de operação em que irá engajar-se. Ainda que isso pareça excesso de racionalismo, não difere muito dos prognósticos emitidos hoje, prevendo tantos milhares de novos casos de AIDS, em um determinado país. Não difere sequer do que já ocorria em guerras mais antigas, evidentemente sem a precisão dos números de hoje. Lembra-se o general De Négrier, da Legião Estrangeira: "Sois soldados para morrer, e eu vos envio para a morte!" ao decidir-se por uma missão de extremo risco.

Curioso: sabe-se que, no próximo ano, 4.000.000 de crianças brasileiras morrerão antes de verem a luz, simplesmente abortadas, sem que se conheça um só cineasta que se dê ao trabalho de protestar...

Pois bem. A coletânea de dados das operações militares tornou-se um *vade-*

mécum, muito usado até mesmo em tempo de paz, nas escolas de estado-maior.

Para calcular o número de baixas previstas para uma força, durante sua permanência em um teatro-de-operações, o *vade-mécum* estabelece a seguinte fórmula:

Efetivo da força x número de meses em combate

100

Aplicando esta fórmula à nossa divisão, com seus aproximadamente 15.000 homens, durante oito meses em combate, o número de mortos teria sido de 720.

Nos dois primeiros meses, contudo, apenas um terço da divisão esteve em luta. Assim, para facilitar, vou considerar apenas os seis meses, durante os quais a divisão atuou completa. Aplicando a mesma fórmula, o número de mortos reduzir-se-ia a 540, ou seja, cerca de 100 além do que realmente teve.

Essa diferença para menos é difícil de explicar. Seguramente, deve debitar-se à incompetência de nossos oficiais.

O número de mortos da divisão brasileira foi ligeiramente inferior ao das divisões americanas na mesma frente; assim, posso concluir que os oficiais americanos eram ainda mais incompetentes do que os nossos. Avento ainda a possibilidade de serem os alemães, que enfrentaram a FEB, mais incompetentes do que os que enfrentaram as forças americanas.

O número de baixas aos hospitais de campanha, por doenças, por 1.000 homens, por mês, foi de 62,7 na FEB e de 93,0 na média das divisões americanas. Daí, pode extrair-se outra conclusão: o estado eugênico e sanitário de tropa americana era bem inferior ao da nossa.

O cineasta afirma que houve 3.000 vítimas de doenças mentais na FEB. Ponho em dúvida a veracidade do número. Os relatórios do Serviço de Saúde revelam que, no período de novembro de 1944 a abril de 1945, o número de casos neuro-psiquiátricos nas divisões americanas foi 2,3 vezes maior do que na brasileira (855, na média das americanas, para 373, na FEB). Jamais ocorreu no Brasil o que tem sido freqüente nos Estados Unidos: ex-combatentes, completamente alucinados, a promover verdadeiras chacinas em restaurantes ou noutros locais de grande movimentação.

Reporto-me, novamente, aos anos em que servi no 11º RI: o comandante de minha companhia e todos os graduados eram febianos; na unidade, dezenas o eram; na guarnição, centenas. Não conheci um só que revelasse perturbação mental.

Por falar em questões de saúde, alguns outros dados podem ter significação, para comparar o estado sanitário da FEB com o das cinco divisões americanas que viveram sob condições epidemiológicas semelhantes, entre novembro de 1944 e abril de 1945:

	FEB	Média das Div. Amer.
Diarreias/ disenterias...	143	155
Febre tifóide...	4	5
Apar. respiratório..	853	581

• A FEB esteve sempre em setores tranqüilos da frente, porque os americanos não acreditavam em seu poder combativo.

Quem melhor poderá dizê-lo, senão alguém que tenha experimentado o combate em outros setores, que tenha participado da luta em outros teatros?

Portanto, com a palavra o general americano Vernon Anthony Walters, oficial-de-ligação junto à FEB e que antes, tomara parte no desembarque no norte da África, lutara no Marrocos e na Tunísia e estivera presente em toda campanha da Itália, inclusive no sangrento desembarque de Anzio e na conquista de Roma:

“...os alemães iniciaram o fogo pelas nove horas da noite. As granadas caíam em torno de nosso posto de comando e continuaram durante horas. Dormi muito pouco naquela noite. Foi uma dura provação que tantas vezes deveria repetir-se” “... Confesso que gostava muito daquelas viagens, porque elas me davam oportunidade de fugir dos bombardeios noturnos em Porretta...” “...Fiquei feliz com a oportunidade de ir a Florença e passar uma noite calma, a salvo dos bombardeios”. “...Nesse período, era tão intenso o bombardeio das estradas da área da Divisão, que fomos obrigados

a utilizar geradores de fumaça nos principais entroncamentos, tentando evitar que os alemães observassem o tráfego”... “A incômoda posição do quartel-general da divisão brasileira foi responsável por um dos mais embaraçosos momentos de minha carreira de intérprete. O general Crittenberg, comandante do corpo de exército, veio visitar o General Mascarenhas, por ter ouvido dizer que o quartel-general da divisão se encontrava sob pesado fogo de artilharia, dificultando muito seu funcionamento. A intenção do general Crittenberg era deixar claro a Mascarenhas que não havia objeções quanto à transferência para outro local, fora do alcance de um bombardeio tão intenso. Como eu era a única pessoa, entre os presentes, que falava os dois idiomas, confesso que, talvez por ter dormido muito pouco durante toda a semana, a tradução das palavras do general Crittenberg para o português foi revestida de um entusiasmo, em favor do recuo para uma área mais abrigada, que não constava do original. Quando concluí minha tendenciosa tradução, o general Mascarenhas replicou pausadamente: “— general Crittenberg, o senhor é um oficial norte-americano e tem na Itália vários quartéis-generais sob seu comando. O senhor pode transferi-los para a frente, para os lados, para trás e ninguém notará. Este, porém, é o único quartel-general brasileiro na frente italiana; quando eu decidir movê-lo, será para a frente, nunca para a retaguarda!” Senti-me devidamente punido por esta resposta e muito envergonhado comigo mesmo, por ter

apresentada uma versão em português muito mais favorável à mudança do que o general Crittenberg expressara em inglês. Minha única desculpa era a pressão do ininterrupto bombardeio e a falta de repouso" ... "Uma noite, durante o bombardeio, eu estava lendo um jornal no vestibulo do hotel onde se localizava nosso quartel-general. Um grupo de uns seis jovens tenentes brasileiros tinha chegado do depósito de repletamentos, localizado na retaguarda, e sentou-se perto de mim. Os oficiais estavam visivelmente nervosos e um deles, vendo que eu era um norte-americano, julgou que não entendesse português e comentou: "— Olhem esse norte-americano de uma figa, sentado aí calmamente, enquanto nossa gente sofre um pesado fogo inimigo". Baixei o jornal e disse em português: "— Se você pensa que estou muito calmo lendo o jornal, está redondamente enganado. Estou tão preocupado com as granadas quanto você, realmente mais, pois me encontro aqui há muito mais tempo e receio já estar abusando da lei das probabilidades." Os oficiais brasileiros se divertiram muito com a resposta" ... "Anotei em meu diário que, a 23 de dezembro, após o jantar, fui para o quarto mais ou menos às 10:30. O bombardeio não cessou a noite inteira e eu estava realmente apavorado. Havia ocorrido muita coisa em minha vida, desde os desembarques em Safi, quando eu me recusava a admitir que sentia medo realmente. Os brasileiros celebraram discretamente o Natal... mas os alemães não tiveram a menor consideração pela data, o que não me pa-

receu nada amistoso da parte deles. Fomos bombardeados a semana inteira, desde o Natal ao Ano-Novo, sem folgar um só dia..." "Finalmente, a 14 de abril de 1945, começou a grande ofensiva da primavera do V Exército, com os brasileiros em linha para desempenharem seu papel, começando com o ataque à cidade de Montese, onde se desenrolou o mais duro de todos os combates que a divisão travou na Itália." ... "Naquele dia, dois terços de toda a artilharia alemã, que bombardeava a frente do IV Corpo, se concentraram sobre Montese e seus arredores."²²

Ao fim da guerra, Vernon Walters registrou, em duas páginas e meia de seu diário, todas as aventuras que vivera até aquela data, segundo suas próprias palavras, "pelo valor que possam ter, trinta e dois anos depois". Eis um trecho: "Um punhado de recordações me vêm à memória: o início da guerra, o desastre de Pearl Harbour, ... a Itália, Clark, a avançada de Gagliano para o norte, o odor dos cadáveres nas vilas italianas, o inferno de Anzio, a entrada triunfal em Roma, a perseguição, Pisa, Livorno, os franco-atiradores, os vôos sobre as linhas alemãs em teco-teco, a chegada dos brasileiros, os duros e longos invernos, os dias e as noites sob fogo em Porretta; Monte Castello, Castelnuovo, os terríveis bombardeios alemães em Montese, na noite em que a conquistamos..."

Aí está a opinião de quem viu de perto a guerra em várias partes da África e da Europa. Pelo que expressa, não parece ter sido tão tranqüilo o se-

tor da FEB. Vernon Walters escapou milagrosamente de morrer queimado, quando, durante um bombardeio da artilharia alemã, um camburão de gasolina explodiu, envolvendo-o em chamas. Escapou por enrolar-se imediatamente em um cobertor; levado para o hospital, teve de esperar sua vez, enquanto eram atendidos homens mais feridos. E, quando finalmente atendido, foi logo transportado para uma trincheira, porque o hospital passou a ser bombardeado... No dia seguinte foi removido para o hospital americano em Livorno, no litoral, onde permaneceu em tratamento até o fim da guerra.

Quem assistiu ao documentário “Rádio Auriverde” viu inúmeras passagens de tremendos bombardeios e violentíssimas concentrações de artilharia. Muito embora algumas cenas não pareçam colhidas na frente da FEB, o simples fato de terem sido incluídas no filme comprova incoerência e desmente a suposta tranqüilidade do setor brasileiro.

NOTAS

1. Elber de Mello Henriques — *A FEB doze anos depois*.
2. Alexandre Ribondi — *O Brasil na guerra, na versão polêmica de Back in Correio Braziliense* — 6 Jul 91.

3. Sylvio Back — Op. cit. e *Uma rádio bem desbocada chega ao front italiano* — In *Correio Braziliense* — 14 Jul 91.
4. *O Jornal do Brasil* os divulgou em 8, 9 e 10 de junho de 1971.
5. Trata-se do cargueiro *Itagiba*.
6. Este navio não era brasileiro. Trata-se do cargueiro sueco *Hawareu*.
7. A lista foi elaborada pela “Bibliothek für Zeitgeschichte”, de Stuttgart, Alemanha, tendo como base a de nº B.R. 1337, do Almirantado Britânico, *British and foreign merchant vessels lost or damaged by enemy action during Second World War*, e arquivos da marinha alemã.
8. Marcelo Ambrósio — *Jornalista que cobriu a FEB critica o filme* — *Jornal de Brasília* — 6 de julho de 1991.
9. Marcelo Ambrósio — idem, ib.
10. Marcelo Ambrósio — idem, ib.
11. Somatório dos meios disponíveis, do valor moral da tropa e da qualidade dos comandantes.
12. Que já não se edita.
13. Sylvio Back — *Uma rádio bem desbocada chega ao front italiano*.
14. A FEB integrou o IV Corpo de Exército Americano.
15. Mark Clark — *Risco Calculado — A história da guerra no Mediterrâneo*
16. Manoel Thomaz Castello Branco — *O Brasil na II Grande Guerra*.
17. Floriano de Lima Brayner — *A verdade sobre a FEB*.
18. Elber de Mello Henriques — *A FEB doze anos depois*.
19. Mark Clark — op. cit.
20. Mark Clark — idem, ib.
21. Mark Clark — op. cit.
22. Vernon A. Walters — *Missões silenciosas*.



Gen Bda R/1 JOSÉ MORETZSOHN, pertencente à Turma de 1950 da AMAN, serviu nos antigos 11º e 12º RI, na 2ª/6ª B C, no Comando do IV Exército (hoje CMNE), no Gabinete do Ministro do Exército, no Gabinete Militar da Presidência da República, na Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional, no Estado-Maior do Exército. Foi auxiliar de Instrutor e Instrutor da AMAN, Instrutor da ECEME e comandou o Curso Básico da AMAN, o Batalhão da Guarda Presidencial e a 7ª Brigada de Infantaria Motorizada. Tem vários trabalhos publicados sobre o problema brasileiro de transporte e sobre geopolítica.